

POR QUEM DOBRAM OS SINOS DE BELÉM

Batista de Lima

O romance é um gênero difícil. Difícil de se produzir, difícil de ser consumido. Requer tempo. Fôlego. Para quem escreve, para quem lê. Decididamente, os textos curtos são mais digeríveis, frente ao corre-corre do cotidiano. Daí se achar que o conto e a poesia sejam os gêneros do futuro. No entanto, tudo isso pode ser falacioso, desde que a obra seja de bom nível, e especialmente, no caso da narrativa, consiga envolver o leitor, a ponto de questões como tempo e densidade ficarem esquecidas, dado o manancial da escritura. Parece ser esse o caso do romance *O Silêncio dos Sinos* de José Lemos Monteiro, Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 1986.

O contexto é Belém, capital do Pará, terra natal do autor, que mesmo residindo em Fortaleza, onde exerce o magistério na Universidade Federal do Ceará e na Universidade Estadual, sempre nos seus escritos, tem retornado, filho revisitador, para a terra de origem. Surge então a exuberância da Região Norte do Brasil. A ecologia. E aí vem-nos à lembrança o seu livro anterior, *A Serra do Arco-Iris*, 1982, em que a utopia de um mundo superdesenvolvido nos moldes de Huxley esbarra na grande reserva ecológica da imensa floresta. Além disso, há o primeiro livro narrativo, que foi a *A Valsa de Hiroxima*, 1981. Tanto no primeiro como no segundo, houve uma preocupação quase que excessiva com o arcabouço da técnica narrativa, onde prevalece muito mais o Prof. Lemos do que o romancista José Lemos Monteiro. Nesse terceiro houve menos preocupação com o preciosismo técnico de uma estrutura rígida. O autor, além de conseguir armar uma construção maleável, habitou-a com sensualidade. Decorou sua construção com enfeitos de sua experiência, de sua ternura. Fez um grande romance em pouco mais de cem páginas.

É evidente que alguns cacoetes aqui, acolá, tiram de uma direção única de reescritura, o leitor perspicaz. Por exemplo, a técnica do *flash-back* que nos acostumou com as facilidades dos recursos visuais do cinema não alcança ainda substituto à altura na armação literária. Também, a contextualização temporal. Não há alusão clara a esse tópico importante da narrativa. Infere-se a partir de tomadas soltas como, por exemplo: Colocar o nome do filho em homenagem ao papa Leão XIII, ou a passagem: "Viva Cuba Livre porque Cuba Livre está! A multidão aplaudia extasiada gritando viva, viva a liberdade" (p. 69), ou ainda a referência às "abelhas italianas no Brasil" (83), como também, "a beleza da água transparente iluminada pela lâmpada fluorescente"... Com esses dados, é só enquadrar a existência normal de personagens como Gregório Torre, Leocisne ou Madeline, que eram da mesma geração. Se ficar alguma dúvida com relação ao tempo cronológico, isso não se verifica com relação ao tempo psicológico de cada personagem. Também é admirável o conhecimento que tem o autor, da magia de que se impregnam a cidade de Belém e seus habitantes. Conhecedor minucioso do lado místico daquela gente, o autor desenvolve quase toda a ação, tendo como pano de fundo igrejas e conventos. Poucas são as ocasiões em que as personagens se ausentam do cenário urbano. E quando o fazem, são em duas situações trágicas, ocorridas na praia de Icoaraci. Na primeira, a personagem Sandra Regina termina morta; na segunda, é a vez de Madeline.

E é exatamente a morte inesperada de Madeline que desencadeia os momentos mais pungentes para o personagem Gregório Torre. Entra então o bem desempenho do narrador, em manter o enredo numa perspectiva de suspense e de questionamentos. Afinal, Gregório, um misto de "Corcunda" com coroinha, não tem sua personalidade devidamente mostrada, o que faz com que se possam imaginar várias soluções para o final que o autor não promoveu. Esse final, aberto e imprevisível, faz com que o leitor se torne também participador do desfecho da trama. Entram aí as condições psicossociais de cada leitor re-escritor. Daí a obra suportar desdobramentos os mais variados possíveis. É até normal que um mesmo leitor possa atribuir mais de uma solução para os enigmas arquitetados pelo autor. Isso é que engrandece a obra literária. É o que a torna inesgotável. Mas não é só nessa artimanha que *O Silêncio dos Sinos* é arquitetado. Há outras virtuosas. A importância do signo "água" para o abrandamento da tensão de certas cenas. Quando Gregório deixa a prisão, com a obsessão de vingar-se

do capitão Nabucodonosor, surge a água como moderadora do seu instinto vingativo. "Agora, porém, vendo a água em borbulhos grossos na sargeta, ele parece indeciso diante do enorme portão". Além desse recurso há a modelação nos nomes dos personagens. Cada um tem um nome muito afim com a própria personalidade. Basta citar: capitão Nabucodonosor Prado da Ponte, Gregório Torre, Leocisne, Tonel de Carvalho, Diógenes, o cavalo Labareda. O próprio nome do capitão já diz do seu caráter, do seu temperamento. E não precisa explicar qual o bêbedo, nem onde mora Gregório, como não precisa dizer a cor do cavalo, nem quem é o sábio da prisão.

Sim, não se podem esquecer os recursos estilísticos, como os paralelismos que dão musicalidade às refinadas estruturas sintagmáticas. Senão vejamos: "O capitão já estava pronto, de esporas nas botas, de rebenque na mão, de orgulho no peito e na farda engomada" (15).

"A baía de Guajará sempre ornada de barcos e espumas" (27).

"Voltou ao cemitério, amargurado e só, a noite alta e chuvosa" (32).

"Os cabelos crescidos e assanhados, duros de sol e de sal" (77)...

Também o uso de metáforas originais como:

"Amanheceu torrencialmente" (37).

"Os badalos em forma da lágrima" (idem).

A linguagem em *O Silêncio dos sinos* é, pois, bem trabalhada, burilada até. Ler esse livro é navegar por essa linguagem. É ter um prazer duplo, pois anda-se também por Belém, pela Catedral, pelas praias de Icoaraci, pela Igreja de Santo Alexandre, a Basílica de Nazaré, a Praça da Sé, a praia do Outeiro, o cais, o bosque Rodrigues Alves. Tudo isso dosado com o mítico e o místico que compõem o lado espiritual do povo do Pará, vivido e revivido pelo autor que termina deixando-nos a sensação de quem fez a travessia de um curso d'água sereno e fundo e se impregnou das substâncias do líquido-texto. Passar pelo texto de José Lemos Monteiro é fazer o transcurso dessa tessitura que interessa a qualquer leitor. Até para os pesquisadores. É livro adequado para ser lido por estudantes de 2.º e 3.º graus, principalmente do Norte e Nordeste, levados

sempre a leitura de "bestsellers" estrangeiros ou quando muito, a escritores do Rio e de São Paulo.

É preciso conhecermos valores como José Lemos Monteiro, que com esse livro dá um grande contributo para o melhor conhecimento da sua região de origem que como o Nordeste é semi-esquecida literariamente do país. Os sinos de Belém podem sair do seu silêncio e dobrarem pelas mãos invisíveis de Gregório Torre em agradecimento a José Lemos Monteiro, esse consciente romancista que os consagrou.

RECENSÕES

CAMPOS, Moreira. *A Grande Mosca no Copo de Leite*. Contos. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, em convênio com o Instituto Nacional do Livro e Fundação Nacional Pró-Memória, 1985, 136 p.

Carlos d'Alge

Acabo de ler os trinta e dois contos do novo livro de Moreira Campos. Durante o fim-de-semana entretive-me com a prosa dessa, rica em significados, das narrativas de *A grande mosca no copo de leite*. O mestre Moreira possui duas magníficas qualidades: sabe contar uma história e o seu estilo combina admiravelmente a formação clássica, cujas fontes estão em Cervantes, Tchekhov, Maupassant, Eça de Queirós e Machado de Assis, com a observação das fraquezas humanas (ou das suas mais legítimas manifestações) retiradas do cotidiano em que, a exemplo de Gorki, fala-se dos pequenos burgueses, dos modestos funcionários, dos trabalhadores do meio rural e da cidade, dos marginais, dos solitários.

A antinomia fundamental destas narrativas está na própria visão da realidade e tende a manifestar-se em campos opostos: por um lado há a nítida tendência de Moreira Campos aproximar-se do terrivelmente humano, um mergulhar nas fraquezas da espécie humana, feito às vezes até com certa ternura e compreensão, outras com implacável ironia. Por outro lado, em direção contrária, o desejo manifesto dos seus personagens em evadirem-se da realidade e aproximarem-se mais da aventura. Mas o que seria do homem sem a aventura?

Falamos em fraquezas humanas e já perguntáramos: não seriam estas as mais legítimas e as mais verdadeiras? Num